

# A GEOGRAFIA DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA EM BELO HORIZONTE



**ALEXANDRE MAGNO ALVES DINIZ**

*Professor Adjunto do programa de pós-graduação em Tratamento da Informação Espacial - PUC-MG*

**Resumo:** *O presente estudo resgata alguns conceitos introduzidos por cientistas ligados à Geografia da Percepção e os aplica na análise do sentimento de insegurança em Belo Horizonte. Trabalha-se com duas dimensões distintas: insegurança em relação ao bairro/vizinhança e em relação à cidade. Os resultados demonstram que o sentimento de insegurança é, no mais das vezes, circunscrito a pontos específicos da cidade, com destaque para o Centro, as favelas e periferias. Os níveis de insegurança são geralmente maiores em relação à cidade como um todo, do que em relação aos bairros/vizinhanças onde as pessoas vivem. Porém, correlações espaciais revelam não existir relação alguma entre a incidência de crimes violentos e o sentimento coletivo de insegurança.*

**Palavras-chave:** *Violência urbana, criminalidade, percepção, espaço geográfico, ação, toponímia, topofobia, insegurança, medo.*

## 1 INTRODUÇÃO

O aumento da criminalidade tem promovido uma série de efeitos negativos na sociedade brasileira. Os seus impactos transcendem os prejuízos causados às vítimas diretas, promovendo gigantescas perdas econômicas e sociais. A segurança pública já figura entre os principais itens nos orçamentos municipal, estadual e federal, em detrimento de áreas importantes como a saúde, educação e infra-estrutura. Em função da violência urbana, o Brasil recebe visitantes estrangeiros muito abaixo do seu potencial turístico e da sua infra-estrutura instalada. O mesmo acontece com investimentos externos em indústria e prestação de serviços, que são carregados a outros destinos em virtude dos altos níveis de criminalidade.

Mas a violência urbana tem também causado perdas intangíveis decorrentes das profundas mudanças na qualidade e no estilo de vida dos brasileiros. Em outras palavras, a criminalidade violenta produz um conjunto de vítimas indiretas que encontram nas taxas criminais, em conversas e nos meios de comunicação, bases para o cálculo subjetivo de probabilidades de vitimização (Paixão e Andrade, 1993). Esta percepção, por sua vez, acaba alimentando o sentimento de insegurança, fazendo com que as pessoas deixem de sair de casa ou evitem certas áreas da cidade, bem como passem a investir maciçamente em equipamentos de segurança pessoal. Grades, cercas elétricas, circuitos internos de TV, vigilância privada já são traços comuns das residências brasileiras.

Curiosamente, nem sempre a sensação de insegurança ou o medo da vitimização guardam relação direta com a incidência criminal, uma vez que é possível que o cálculo subjetivo de probabilidades de vitimização exacerbe o sentimento de insegurança, acirrando padrões de conduta defensiva. Neste sentido, a *Geografia da Percepção* traz importantes subsídios para a compreensão dessa discrepância, uma vez que os seus sectários fazem uma distinção entre o ambiente objetivamente observado (que reflete as coisas como elas são), e o ambiente percebido (que reflete como as coisas aparentam ser ao indivíduo). Esta diferença, ou inconsistência é chamada de *dissonância cognitiva*, que indica o desencontro entre aquilo que é percebido pelo indivíduo e a realidade (Mayhew, 1997).

O presente estudo debruça-se sobre esta temática, explorando a percepção da população de Belo Horizonte acerca da violência e os níveis de insegurança através de uma abordagem geográfica. Busca-se avaliar em que medida o sentimento de insegurança na capital é corroborado pela incidência criminal. Estudos como este são raros e auxiliam em grande medida a identificação de padrões de comportamento, oferecendo subsídios para a gestão da segurança pública.

## 2 GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO

A *percepção ambiental* é o modo através do qual indivíduos apreendem o seu ambiente, sendo resultante da avaliação e armazenamento de informações sobre esses espaços (Mayhew, 1997). Tal conceito está associado a uma corrente do pensamento geográfico intitulada *Geografia da Percepção*, que tinha como principal missão contrapor as visões reducionistas atreladas à economia neoclássica que influenciava, em grande medida, o pensamento geográfico no pós-guerra. A *Geografia da Percepção* sugere que os indivíduos não agem

como *homens econômicos*<sup>1</sup>, pois sendo seres complexos, sua percepção ambiental nem sempre corresponde à realidade objetiva (Andrade, 1986; Goodey e Gold, 1986).

Existem, no entanto, duas facções distintas na escola da percepção, uma inspirada no positivismo e no kantismo, intitulada “escola behaviorista” e outra com fortes ligações com o humanismo (Andrade, 1987). Os teóricos da corrente behaviorista promoveram uma significativa modificação em relação às abordagens teóricas vigentes, mas conservaram os mesmos métodos. Em outras palavras, não se questionava a busca por generalizações e teorias, mas sim a quimérica noção econômico-racional do comportamento humano (Johnston, 1986). Aqui a percepção do ambiente tem importância fundamental, pois é a partir dela que os indivíduos tomam decisões em relação a sua vivência no espaço (Goodey e Gold, 1986).

Dentre os teóricos desta facção, destaca-se Julian Wolpert, que foi, para muitos, o precursor da **Geografia da Percepção**. Wolpert ao analisar o processo de tomada de decisão de indivíduos, notou que estes estavam longe de operar com a racionalidade maximizadora de ganhos do *homem econômico*. Ao invés, Wolpert (1964) cunhou o termo “*satisficer*” para descrever o comportamento geral dos indivíduos, que visam muito mais a sua própria satisfação (bem-estar social), do que lucros máximos por meio de um comportamento econômico e racional. Mas os conceitos mais relevantes e mais próximos da presente análise foram introduzidos por Wolpert (1965) quando abordava o processo de decisão migratória.

De acordo com esta proposta, a percepção ambiental pode ser fracionada em espaços distintos, moldados de acordo com as vivências dos indivíduos. O *espaço de ação* representa a área na qual um indivíduo se movimenta e toma decisões sobre a vida, incluindo as atividades relacionadas às compras, estudo, trabalho, etc. Em outras palavras, o *espaço de ação* representa o conjunto de locais em relação aos quais os indivíduos têm alguma familiaridade. Por outro lado, o *espaço de atividade*, representa o espaço no qual os indivíduos vivem o dia-a-dia, constituindo-se um recorte do *espaço de ação* com o qual o indivíduo

---

<sup>1</sup> Um ser teórico que tem conhecimento perfeito de uma economia e tem a habilidade de agir no seu próprio interesse de modo a maximizar lucros. A idéia do homem econômico tornou-se uma ferramenta importante para os economistas neoclássicos, mas outros escritores sugeriram o conceito de **satisficer** como sendo mais realista.

## A geografia do medo: reflexões sobre o sentimento de insegurança em Belo Horizonte

interage com maior frequência. Portanto, segundo Wolpert (1965), existe uma hierarquia de *espaços de atividade* para a maioria das pessoas. Esses espaços tendem a aumentar em extensão espacial, partindo da unidade domiciliar, bairro, passando pelo espaço de trabalho/econômico e espaço urbano de modo geral. A medida em que se move em direção aos níveis superiores da hierarquia espacial, a familiaridade com o espaço torna-se menor.

Geralmente, os locais mais bem conhecidos tendem a ser mais escolhidos como base para as mais diversas atividades (moradia, trabalho, estudo, lazer). Entretanto, diante de uma miríade de opções, Wolpert (1965) revela que os indivíduos tomam decisões em relação ao espaço avaliando as localizações dentro de um determinado *espaço de ação*, atribuindo a cada local uma certa *utilidade espacial*. A *utilidade espacial*, representa, portanto, a importância que cada lugar tem para um indivíduo. Fatores como moradia, economia, amenidades, características de uma vizinhança são percebidos por indivíduos e famílias como sendo satisfatório ou insatisfatório. No último caso, estresses em relação às características do local podem resultar no desejo de mudança.

Entretanto, nesse processo de busca, o indivíduo pode não identificar dentre os sítios em avaliação a *utilidade espacial* almejada. Neste caso, aquele indivíduo vai estender o seu *espaço de ação* através de uma *pesquisa comportamental*. Em linguagem simples, uma pessoa irá procurar por um sítio apropriado para uma atividade dentro da área melhor conhecida por ela/ele. Se os sítios presentes naquele *espaço de ação* não atendem às demandas, o indivíduo ampliará a sua área de busca, familiarizando-se com uma nova área, estendendo, portanto, o seu *espaço de ação*.

Por outro lado, a escola humanista sugere não só a introdução de novas bases filosóficas, como também metodológicas às abordagens geográficas. Trata-se de uma visão de geografia humana centrada na percepção, criatividade, experiência e valores humanos. De acordo com essa proposta, toda investigação é subjetiva uma vez que reflete as atitudes e percepções do pesquisador que pode, inclusive, influenciar o próprio campo de estudo. Ao invés de buscar leis que regulamentam o comportamento, os humanistas sublinham as experiências individuais, tendo seus resultados um caráter eminentemente idiográfico (Bunkse, 1996).

Destaca-se na escola humanista o geógrafo de origem chinesa *Yi-Fu Tuan*, que introduz alguns conceitos importantes para a presente análise. Segundo Tuan (1980), *topofilia* representa o sentimento de afeição em relação a

determinados lugares, “um elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980:5). Em contraposição, a *topofobia* representa a aversão a determinados lugares. A percepção é fundamental ao processo de construção de *topofilias* e *topofobias*, representando tanto resposta mecânica dos sentidos aos estímulos externos, como uma atividade proposital, na qual certos fenômenos são ressaltados e registrados, enquanto outros preteridos ou totalmente bloqueados (Tuan, 1980).

Muito do que percebemos, tem *valor* para nós, portanto, a percepção do espaço é fortemente influenciada pelos padrões culturais nos quais estão inseridos os indivíduos. A cultura pode influenciar a percepção de tal modo que as pessoas verão coisas que não existem, podendo esta criar alucinações coletivas (Tuan, 1980). Nota-se, portanto, que *topofilias* e *topofobias* são construídas a partir de vivências diretas e indiretas de indivíduos nos mais diversos lugares. Tais lugares podem variar grandemente em escala, indo desde um quarto, uma casa, uma praça, até uma nação ou continente.

Com base nessa discussão, percebe-se que a *Geografia da Percepção* traz subsídios importantes para a análise do sentimento de insegurança, introduzindo conceitos e modelos de comportamento que auxiliam na identificação e explicação de *dissonâncias cognitivas*. Essas discrepâncias são analisadas a seguir.

### 3 FONTES DE DADOS E METODOLOGIA

Para materializar o objetivo do presente estudo, trabalhou-se com duas fontes de dados. O Instituto de Pesquisas da PUC - MINAS - Lumen produziu em 1999 um survey que explora a percepção da população de Belo Horizonte em relação à violência urbana. O estudo levantou a percepção da população de Belo Horizonte sobre a violência urbana contemplando 1252 pessoas no município, entrevistadas entre os dias 15 e 16/03/1999, sendo que a definição da amostra levou em conta o peso populacional de cada Unidade de Planejamento da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (Lumen, 1999).

De posse dessas informações, duas taxas de sentimento de insegurança foram produzidas para cada Unidade de Planejamento (UP): uma em relação à cidade de Belo Horizonte e outra em relação ao bairro/vizinhança. O sentimento de insegurança representa o percentual da população de cada UP que revelou sentir-se insegura ou parcialmente insegura, seja em relação à cidade ou em relação ao bairro onde vivem.

Trabalhou-se também com os registros de ocorrência do (Centro de Operações da Polícia Militar) COPOM- PMMG referentes ao município de Belo Horizonte, utilizando-se como referência os indicadores da variável Segurança Urbana do IQVU/96<sup>2</sup>. Taxas de crimes violentos<sup>3</sup>, crimes violentos contra a pessoa<sup>4</sup> e crimes violentos contra a propriedade<sup>5</sup>, foram geradas para cada UP, com o fito de cotejar o sentimento de insegurança com a incidência real de crimes.

Deu-se então início às análises estatísticas. Buscou-se através de correlações Personianas compreender a relação entre o sentimento de insegurança e a incidência de crimes violentos. Num terceiro momento, trabalhou-se com o mapeamento da percepção de insegurança, com o fito de explorar a sua distribuição espacial, através da produção de mapas temáticos do tipo coroplético<sup>6</sup>.

#### **4 RESULTADOS**

De modo geral, os resultados revelam significativas *dissonâncias cognitivas* em relação à real incidência de crimes em Belo Horizonte. Quando solicitados a citar espontaneamente até duas áreas da cidade onde mais ocorrem atos de violência, os habitantes do município apontam a área central em primeiro lugar, seguida das favelas e periferias (Tabela 1). Nota-se aqui a primeira evidência de que, segundo a percepção da população, a violência urbana é um problema alheio, ou seja, um fenômeno que se faz presente de forma mais intensa em áreas específicas da cidade, geralmente distantes dos locais de residência da maioria da população.

---

<sup>2</sup> Estes são dados recentes, oriundos do IQVU-96 (Índice de Qualidade de Vida Urbana - 1996) produzido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em fase final de atualização e não do cálculo já divulgado. Todas as informações foram extraídas do Banco de Dados da Polícia Militar de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Ocorrências de: homicídios, tentativas de homicídio, roubos e furtos consumados a pessoas, roubo à mão armada consumado e estupro consumados / hab / UP.

<sup>4</sup> Ocorrências de: homicídios, tentativas de homicídio, violações de domicílios e de estupro/hab/UP.

<sup>5</sup> Ocorrências de roubos e furtos consumados a pessoas, roubos e furtos tentados, qualificados e consumados a veículos, moradias e estabelecimentos, à mão armada ou não/hab/UP.

<sup>6</sup> O mapa coroplético explora uma série de valores visuais crescentes ou uma seqüência de matizes que aproveita a propriedade de ordem das cores para representar valores absolutos ou relativos referentes a unidades observacionais (Cuff e Mattson, 1982).

**Tabela 1**

Áreas da cidade onde mais ocorre violência\*

Área	%
Área Central <sup>7</sup>	37,3
Favelas	30,8
Periferia	8,9
Zona Sul	4,5
Zona Norte	2,7
Toda a cidade	2,3
Região Nordeste	2,1
Venda Nova e entorno	1,7
Zona Oeste	1,4
Pampulha	1,1
Outros	7,2
Total	100

\*Respostas agrupadas

Fonte: Lumen (1999)

Tal percepção também revela a presença de *topofobias* coletivas, construídas a partir de conteúdos sensacionalistas veiculados pelos meios de comunicação de massa enfocando incidentes violentos, muitas das vezes, fatos isolados. Afinal, nem todas as áreas periféricas e favelas de Belo Horizonte são violentas e o centro da cidade está longe de ser o local de alta incidência de homicídios, roubos e estupro.

Os resultados do survey também revelam que boa parte da população de Belo Horizonte encontra-se preocupada em relação à violência. Note-se que um terço dos entrevistados julgam Belo Horizonte uma cidade violenta e outros 38,9% julgam-na parcialmente violenta (Tabela 2). Essa percepção é coerente com o sentimento de insegurança em relação ao município, uma vez que existe uma certa correspondência entre a proporção daqueles que não se sentem seguros e os que consideram a cidade violenta (Tabela 02).

<sup>7</sup>Centro, Barro-Preto e Região Hospitalar.

**Tabela 2**

Percepção de segurança

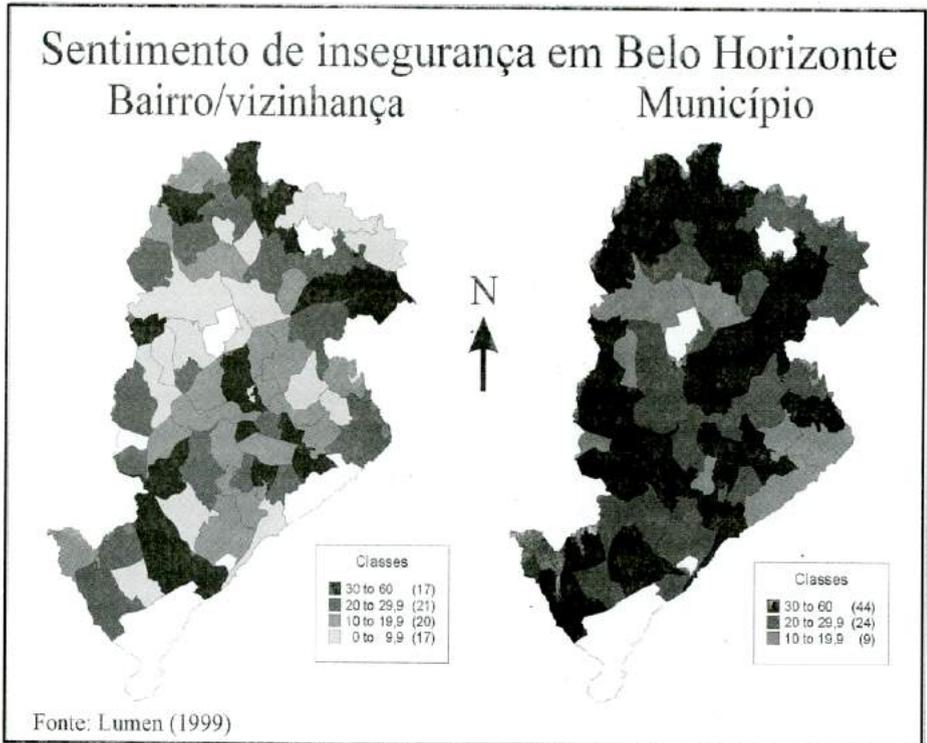
	Considera Belo Horizonte uma cidade violenta (%)	Considera-se seguro em Belo Horizonte (%)
Sim	33,1	40,9
Em parte	38,8	28,9
Não	28,1	30,2

Fonte: Lumen (1999)

Curiosamente, o percentual daqueles que consideram os seus bairros/vizinhanças violentos é muito menor do que aqueles que percebem a cidade de Belo Horizonte como violenta. Esta diferença é confirmada pelo coeficiente de correlação, revelado na Tabela 5, que apesar de positivo, apresenta-se moderadamente fraco (0,478). A Figura 1 corrobora esta relação. Ao se observar o sentimento de insegurança em relação ao bairro/vizinhança e município, nota-se que a insegurança em relação a Belo Horizonte apresenta concentração de UP na classe superior (44), indicando níveis de insegurança mais altos (Figura 1). Por outro lado, o sentimento de insegurança em relação aos bairros/vizinhanças apresenta-se melhor distribuídos entre as classes em observação (Figura 1).

Em virtude do caráter heterogêneo da distribuição espacial do sentimento de insegurança, a Figura 1 indica a existência de uma clara geografia do medo. Em relação ao sentimento de insegurança nos bairros/vizinhanças, destacam-se as UP localizadas na regional Pampulha por apresentarem os menores percentuais de indivíduos que temem pela sua segurança. Por outro lado, quando se explora o sentimento de insegurança em relação à cidade como um todo, destacam-se as UP que compõem as regionais Venda Nova, Nordeste e Barreiro, com percentuais expressivos de indivíduos que temem pela sua segurança no conjunto da cidade.

**Figura 1**  
Sentimento de insegurança\*



\* Áreas em branco foram expurgadas da análise em virtude de baixo contingente populacional

Note-se ainda que a maioria dos entrevistados (59,2%) não considera o seu bairro/vizinhança violento (Tabela 3). Por sua vez, esses percentuais correspondem àqueles referentes ao sentimento de insegurança nos bairros/vizinhanças. A Tabela 3 mostra que 57,6% dos habitantes de Belo Horizonte sentem-se seguros no bairro/vizinhança onde vivem. Fica assim evidente a discrepância entre o sentimento de insegurança associado à Belo Horizonte como um todo, e a sensação de relativa segurança vivenciada nos bairros/vizinhança. De acordo com Wolpert (1965), tal resultado é esperado, pois as vizinhanças fazem parte do *espaço de atividade* dos indivíduos, constituindo-se recortes espaciais de maior familiaridade para a população. Esses *espaços de atividade* fazem com que as pessoas estejam mais à vontade e conseqüentemente mais seguras nos locais de residência do que em outras áreas da cidade.

Tabela 3

Percepção de violência

	Considera o bairro/vizinhança violento (%)	Considera-se seguro no Bairro/vizinhança (%)
Sim	19,0	57,6
Em parte	21,8	21,4
Não	59,2	21,4

Fonte: Lumen (1999)

Esses resultados também indicam nitidamente a presença de hierarquias de *espaços de atividade*. A medida em que se move em direção aos níveis superiores da hierarquia espacial, saindo do ambiente confortável das unidades domiciliares e das vizinhanças, em direção ao espaço econômico do centro da cidade, por exemplo, a familiaridade com o espaço torna-se menor, influenciando negativamente a sensação de segurança.

Essa sensação de insegurança, por sua vez, traduziu-se em pronunciadas mudanças de comportamento. Em resposta à questão sobre como se previnem contra a violência, parcela significativa da população revelou que “evita sair de casa (a certas horas)” e “evita ir a determinados locais (a certas horas)”. Outras medidas preventivas que merecem destaque são “andar com mais atenção nas ruas” e “orar a Deus”. As demais medidas de prevenção contra a violência aparecem com percentuais pouco significativos. Um outro ponto que merece destaque é o fato de que apenas 3,8% da população dizem não fazer nada em relação à violência. (Tabela 4)

Nota-se, portanto, que a população de Belo Horizonte toma uma série de decisões em relação ao espaço citadino a partir da sua avaliação e percepção dos níveis de violência. Segundo Wolpert (1965) essas decisões espaciais são realizadas com base em avaliações a partir das quais atribui-se a cada local um nível de *utilidade espacial*, indicando o peso e a importância desses locais para o indivíduo. Os critérios de seleção são os mais diversificados e passam certamente pelo nível de satisfação ou insatisfação em relação às condições de vida, incluindo o sentimento de insegurança.

**Tabela 4**  
Prevenção com relação à violência\*

	Resposta	%
Evita sair de casa (a certas horas)	610	30,6
Evita ir a locais (a certas horas)	522	26,2
Anda com mais atenção nas ruas	203	10,2
Ora a Deus	157	7,9
Não faz nada/corre risco	75	3,8
Não usa jóias/relógios	68	3,4
Não sai com dinheiro	59	3,0
Evita sair de casa desacompanhado	51	2,6
Anda de carro com os vidros fechados	44	2,2
Esconde o dinheiro em alguma parte do corpo	40	2,0
Investe em segurança privada	29	1,5
Fecho bem a casa	29	1,5
Respeito ao próximo/boa convivência	19	1,0
Outros	87	4,4
Total	1993	100,0

\* Questão múltipla com até 2 respostas espontâneas

Número total de casos válidos= 1215

Fonte: Lumen/PUC Minas

Estresses em relação às características do local podem resultar no desejo de mudança, a partir do qual indivíduos evitam certos pontos do seu *espaço de ação*, ou quando os níveis de estresse são muito grandes, chega-se a promover uma relocação radical. Em outras palavras, quando não é mais possível identificar nos sítios que fazem parte do *espaço de ação* níveis de *utilidade espacial* almejados, os indivíduos naturalmente estendem o seu *espaço de ação* incorporando novas áreas. O crescimento vertiginoso dos condomínios fechados

## A geografia do medo: reflexões sobre o sentimento de insegurança em Belo Horizonte

e o atual processo de desmetropolização da população brasileira são, em grande medida, resultantes desse processo.

Os coeficientes de correlação, por sua vez, apresentam provas inequívocas da inconsistência entre o sentimento de insegurança e a real incidência de criminalidade violenta, indicando a inexistência de embasamento científico para o atual sentimento de insegurança, seja em relação à cidade, seja em relação ao bairro/vizinhança, detectados pelo *survey*. Primeiramente, observe-se a total ausência de significância estatística nas correlações entre sentimento de insegurança em relação à cidade e as taxas de criminalidade violenta (Tabela 5).

**Tabela 5**

Correlações obtidas através do Coeficiente de Correlação de Spearman \*

Modalidades de violência	Sentimento de insegurança no bairro/vizinhança	Sentimento de insegurança em Belo Horizonte
Crimes Violentos	-0,201 (0,040)	-0,94 (0,207)
Crimes Violentos Contra a Pessoa	0,181 (0,057)	0,023 (0,421)
Crimes contra a Propriedade	-0,208 (0,035)	-0,91 (0,216)
Sentimento de insegurança no bairro/vizinhança	-	-0,478 (0,000)

\* Significância para uma cauda.

Fonte: Lumen (1999) e IVQU-1996 – PBH

Por outro lado, as correlações entre o sentimento de insegurança e as taxas de criminalidade violenta resultaram em coeficientes inesperados (Tabela 5). Note-se que o sentimento de insegurança apresenta-se negativamente relacionado às taxas de total de crimes violentos e crimes violentos contra o patrimônio. Trata-se de um contra-senso, pois os resultados revelam que justamente nas áreas de menor incidência de crime, os níveis de insegurança tendem a ser mais altos.

Trata-se de uma brutal *dissonância cognitiva* engendrada primeiramente pelo “conforto” proporcionado pelos *espaços de atividade* nos quais estão inseridos os bairros/vizinhanças. Por outro lado, o tratamento

sensacionalista dispensado por certos veículos de comunicação à criminalidade violenta influenciam grandemente o inconsciente coletivo dos habitantes, gerando sentimentos *topofóbicos* em relação a diversos pontos da cidade reforçando a construção de *dissonâncias cognitivas*. Como Tuan (1980) sugere, a cultura, que na atualidade é também construída com a ajuda dos meios de comunicação de massa, influencia a percepção das pessoas, fazendo com que em muitos casos a população “veja coisas que na verdade não existem”. Portanto, o sentimento coletivo de insegurança em relação ao espaço da capital está longe de ser produzido por experiências diretas com a criminalidade violenta, sendo fruto, portanto, de “alucinações coletivas”, criadas pela mídia sensacionalista.

## 5 CONCLUSÕES

O presente estudo demonstra a existência de uma séria *dissonância cognitiva* entre a real incidência de crimes violentos e o sentimento de insegurança. Primeiramente, o *survey* indica que a população aponta o centro da cidade e indistintamente as favelas e as periferias como as áreas mais violentas da cidade, revelando a existência de *topofobias* coletivas e infundadas. Sabe-se que nem todas as favelas e periferias são violentas e que na área central da cidade são raros os crimes violentos.

Os resultados também revelam que o sentimento de insegurança é muito maior em relação à cidade como um todo, do que em relação aos bairros/vizinhanças onde vivem os entrevistados. Trata-se de um desdobramento natural da limitação física dos *espaços de atividade*. Em função do maior conhecimento e vivência no entorno imediato das unidades domiciliares (*espaços de atividade*), o sentimento de segurança é maior, ao passo que em relação às demais áreas da cidade, são atribuídas *utilidades espaciais* menores. Daí o sentimento de insegurança ser maior em relação a essas áreas menos conhecidas.

É também curioso constatar que as taxas de criminalidade violenta não se encontram estatisticamente relacionadas ao sentimento de insegurança em relação aos bairros/vizinhanças e à cidade como um todo. Portanto, percebe-se que o sentimento de segurança parece estar mais vinculado ao caráter sensacionalista das abordagens midiáticas de eventos violentos, que constroem no inconsciente coletivo do belo-horizontino imagens distorcidas da realidade, gerando um medo, muitas vezes infundado.

## A geografia do medo: reflexões sobre o sentimento de insegurança em Belo Horizonte

Essas dissonâncias cognitivas colocam mais pressão sobre os gestores da segurança pública, pois como se viu, não se constrói um sentimento de segurança simplesmente com o combate à criminalidade. Uma presença mais ostensiva de policiais e viaturas nas ruas da cidade, juntamente com um amplo trabalho de relações-públicas junto à comunidade, seja divulgando a eficácia do trabalho da polícia, seja demonstrando a evolução das taxas criminais, podem promover melhoras no sentimento de segurança. Não se pode perder de vista também a existência de uma clara geografia do medo, com concentrações de sensação de insegurança em áreas específicas da cidade. É, portanto, imperativa a construção de ações que levem em conta não só a distribuição espacial da incidência criminal, mas também da própria sensação de insegurança. Esses esforços certamente mitigarão o medo, bem como reforçarão a imagem das polícias junto aos habitantes da cidade.

***Abstract:** Scientifics'studies have been presenting some concerns about the feeling of insecurity related to district/neighborhood and, it's related to the whole city. The results have been showing that the feeling of insecurity is, most of the time, in some specific areas as downtown, slums and outskirts. People have felt safer where the live, in their neighborhood. However, there are no proves that the high level of violent crimes is related to te feeling of insecurity.*

***Key words:** Urban violence, criminality, perception, geographic space, action, top phobia, insecurity, fear.*

## REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel. 1987. *Geografia, ciência da sociedade*. São Paulo. Editora Atlas S.A
- BUNKSE, Edmunds. 1996. Humanism Wisdom of the Heart and Mind. In Earle, C.; Mathewson, K. and Kenzer, M. *Concepts in Human Geography*. London, Rowman & Littlefield Publishers, Inc. pp.
- CUFF, David and Mattson, Mark. 1982. *Thematic Maps. Their design and production*. New York, Methuen.
- GOODEY, Brian e Gold, John. 1986. *Geografia do comportamento e da percepção*. Publicação especial nº 3. Departamento de Geografia - Instituto de Geociências - UFMG.
- JOHNSTON, R. J. 1986. *Geografia e Geógrafos*. São Paulo. Difel.
- MAYHEW, Susan. 1997. *A Dictionary of Geography*. New York - Oxford University Press.
- PAIXÃO, Luiz Antônio e Andrade, Luciana T. 1993. *Crime e Segurança Pública*. In: Paixão, L. e Andrade, L. *Belo Horizonte: Poder, Políticas e Movimentos Sociais*. Belo Horizonte C/arte e UFMG pp. 109-123.
- WOLPERT, Julian 1964. The decision process in spatial context. *Annals, Association of American Geographers* 54, 337-58.
- WOLPERT, Julian 1965. Behavioral aspects of the decision to migrate. Papers and proceedings. *Regional Science Association* 15, 159-72.
- TUAN, Yi-Fu. 1980. *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo, DIFEL